

Apresentação

No primeiro texto da seção Artigos, do número 2 do volume 17 de GeoTextos, Bruno Moreira Riani Costa retoma uma discussão cara à vertente crítica da Geografia, ao buscar problematizar a distinção entre *produção* do espaço e *valorização* do espaço. Segundo o autor, “a valorização do espaço corresponderia a um tipo específico de produção do espaço, ocorrida quando os próprios objetos geográficos são objetos de valorização”. No segundo artigo da seção, Guilherme Pereira Cocato se utiliza do conceito de estruturação da cidade para explicitar o processo de produção urbana em Londrina-PR, através da ação do capital incorporador e das trocas mercantis no mercado imobiliário. Com isso, quer “demonstrar as relações entre a estruturação da cidade, sua representação por meio das formas espaciais que participam da expansão físico-territorial e algumas das motivações para que a cidade seja produzida” do modo atual. No texto que se segue, Fernando Guilherme Silveira Manocchio, Leandro Di Genova Barberio e Fabricio Gallo vão problematizar as *fintechs* e as tecnologias resultantes do avanço tecnológico informacional, assim como a dimensão territorial que envolve esse processo, tendo como estudo de caso a atuação da Estapar, uma empresa de estacionamentos rotativos urbanos que viabiliza pagamentos por meio de aplicativos acessados via telefones celulares. Os autores constataam, ao final, que, “com a expansão das quantidades de vagas de estacionamento rotativo nas cidades de médio e grande portes no Brasil, nota-se a inserção do capital privado e do interesse do mercado financeiro nas políticas públicas da escala municipal”. No artigo seguinte, Allison Bezerra Oliveira, Amanda Miranda Pereira e José Alencar Viana de Araújo querem “compreender as transformações recentes decorrentes do processo de expansão da silvicultura de eucalipto sobre os territórios de agricultura familiar nos municípios maranhenses de Imperatriz e Cidelândia”, para verificar, a partir dos dados analisados e com foco nos dois municípios tomados como estudos de caso, que, “paralelamente ao avanço

da monocultura do eucalipto, está havendo uma diminuição expressiva na produção agrícola na região, sobretudo na agricultura familiar”. No quinto artigo da seção, Cristiano Quaresma de Paula busca relacionar o processo de modernização e a degradação ambiental, “que incide sobre os recursos aquáticos, e resulta na redução da quantidade e da qualidade, ou até na extinção, das espécies pesqueiras, e, por isso, gera a desterritorialização dos pescadores artesanais”, evidenciando disputas e conflitos em torno dos territórios pesqueiros frente à industrialização, à urbanização, à mineração e ao agronegócio no Brasil. A seguir, Rayanne Santos de Almeida Mendonça e Lindemberg Medeiros de Araujo mostram, em seu texto, como a superposição de uma rota ecológica e de uma oferta de turismo de massa em um mesmo recorte espacial – formado por três municípios do litoral norte do estado de Alagoas – coloca a necessidade de se refletir sobre a governança de destinos turísticos no Brasil, para concluir que, no estudo de caso problematizado, “os problemas socioespaciais parecem ser tão graves que estratégias tradicionais de gestão de destinos não serão suficientes para enfrentar os problemas de maneira adequada”.

Os dois artigos que se seguem têm em comum a utilização de dados e procedimentos estatísticos como estratégia de modelização em ambiente SIG (Sistema de Informações Geográficas): no sétimo artigo da seção, Paulo Jerônimo Lucena Oliveira, Carlos Roberto Silva Filho e Diógenes Félix Silva Costa objetivaram “avaliar o padrão atual de distribuição da Caatinga densa no município de Caicó-RN, visando a identificar onde estão os maiores fragmentos”, partindo da hipótese de que haveria uma maior fragmentação na distribuição vegetacional naquelas áreas onde ocorrem gradientes altitudinais inferiores. Já no oitavo artigo, Yata Anderson Gonzaga Masullo, Dayana Serra Maciel e Izani Gonçalves dos Santos apresentam os resultados de uma pesquisa de caráter exploratório sobre o perfil das vítimas dos crimes violentos letais no Maranhão, demonstrando que eles “têm maior probabilidade de ocorrência em jovens, com idade entre 19 a 29 anos, negros (autodeclarados pretos e pardos), do sexo masculino e com baixa escolaridade (ensino fundamental), perfil semelhante ao encontrado no sistema penitenciário”, assim como uma maior incidência de crimes violentos letais intencionais nos municípios que compõem as mesorregiões Norte, Centro e Leste Maranhense.

A seção Perspectivas traz dois artigos. No primeiro, Clímaco Dias reflete sobre a proposição de Milton Santos a respeito do período popular ou demográfico da história, problematizando a comunicação entre os pobres nas grandes cidades dos países do Terceiro Mundo e fundamentando sua reflexão nos dados empíricos de sua tese de doutorado, na qual mapeou práticas de solidariedade baseadas em relações de vizinhança e parentesco em bairros populares de Salvador. No artigo que se segue, Leandro Pessoa Vieira vai acionar a noção de “ar livre”, convidando o leitor a pensar o habitar urbano contemporâneo e “as relações do aberto com o habitar, no sentido de compreender os espaços ao ar livre”. E, para refletir sobre o “ar livre”, o autor se utiliza, de modo concomitante e interrelacionado, de ideias geográficas, antropológicas e fenomenológicas, “posicionando esses campos do saber em relação”, para “alcançar o compromisso de ligar as ‘teorias’ à experiência vivida”.

Boa leitura!

Angelo Serpa
Editor Responsável